

Argumentatividade no jornalismo político brasileiro: aspectos linguístico-discursivos do adjetivo nas notícias sobre o governo atual

VALENTE, ANDRÉ CRIM
prof.acvalente@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE:
argumentatividade;
discurso;
adjetivo;
mídia.

KEY-WORDS:
argumentativity;
speech;
adjective;
media.

Professor Associado do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Professor Convidado do Centro de Linguística da Universidade do Porto, Portugal

RESUMO: O presente artigo parte da premissa de que não há imparcialidade na linguagem midiática que, por seus aspectos argumentativos, deve ser objeto de pesquisa nas abordagens de linguistas e professores de Língua Portuguesa. A integração de estudos sobre léxico e discurso vem constituindo a base das nossas pesquisas e, para tanto, teorias linguísticas sobre o adjetivo são revistas com o intuito de abordar textos midiáticos cada vez mais presentes nas aulas de linguagem. A abordagem a ser desenvolvida encontra suporte nos trabalhos sobre adjetivos nas gramáticas tradicionais, de grande prestígio entre os estudiosos da área, e nas novas gramáticas escritas por linguistas nas três últimas décadas. Na fundamentação teórica, partiu-se da ideia de que o adjetivo não é um termo secundário, meramente acessório, mas sim uma palavra de forte papel discursivo-argumentativo na elaboração de textos. Apresenta-se aqui uma abordagem, com fins comparativos, de textos das revistas *Veja* e *Carta Capital* sobre o governo Dilma Roussef, antes e após o impeachment, com o intuito de mostrar, com base numa tipologia do adjetivo, como se constroem, ideologicamente, as mensagens jornalísticas.

ABSTRACT: The present article starts from the premise that there is no impartiality in the media language that, due to its argumentative aspects, should be object of research in the approaches of linguists and teachers of Portuguese Language. The integration of lexical and discourse studies has been the basis of our research and, for that, linguistic theories about the adjective are revised in order to approach media texts increasingly present in language classes. The approach to be developed finds support in the work on adjectives in traditional grammar, of great prestige among scholars of the area, and in the new grammars written by linguists in the last three decades. In the theoretical foundation, it was based on the idea that the adjective is not a secondary term, merely accessory, but a word of strong discursive-argumentative role in the elaboration of texts. We present here an approach, with comparative purposes, of texts by the magazines *Veja* and *Carta Capital* on the Dilma Roussef government, before and after the impeachment, in order to show, based on a typology of the adjective, how ideologically they construct journalistic messages.

1. INTRODUÇÃO

Alguns estudos sobre classes de palavras enfatizaram o caráter secundário do adjetivo no sintagma nominal no confronto com a principalidade do substantivo. Este, visto como termo determinado, nuclear ou central tem prioridade sobre o adjetivo, termo determinante, modificador ou periférico. Daí surgiu a ideia de que o adjetivo é um termo “descartável”, o que encontra apoio na inclusão do adjunto adnominal (às vezes representado por um adjetivo) entre os termos acessórios na classificação da Nomenclatura Gramatical Brasileira.

Não concordamos com essa abordagem do adjetivo e preferimos tratá-lo em uma perspectiva linguístico-discursiva, com destaque para seus aspectos semântico-estilísticos. Assim, não atribuímos caráter secundário ou acessório aos adjetivos dos seguintes exemplos:

. O encanto começa a se dissipar e a donzela começa rosar mensagens *constrangedoras*, com o rosto novamente *crispado, masculinizado, hostil*. (Guilherme Fiúza, Revista Época, 25/10/2010)

. Tratou-se claramente de uma parceria *afinadíssima*, que de alguma forma se mantém, *garantida*, em primeiro lugar pela continuidade. (Mino Carta, Carta Capital, 19/02/2011)

Os dois exemplos tecem comentários sobre a presidente Dilma Roussef, no primeiro ano do seu mandato. Fiúza, que sempre foi contrário ao governo, é extremamente agressivo e emprega adjetivos de valor disfórico. Carta, que sempre apoiou o governo, elogia a parceria Dilma/Lula e emprega adjetivos de valor eufórico.

Com base em tais premissas, desenvolvemos uma pesquisa comparativa do tratamento dado ao governo Dilma pelas revistas semanais brasileiras Veja e Carta Capital: esta sempre apoiou os governos do Partido dos Trabalhadores; aquela sempre os criticou violentamente. Na primeira parte do trabalho, antes do impeachment de Dilma Roussef, Veja era oposição e Carta Capital, situação. Na segunda parte, após o impeachment, inverteram-se as posições no governo Temer: Veja torna-se situação; Carta Capital, oposição.

Durante a realização do II CIED/JADIS VI, Michel Temer era o presidente do Brasil. Na análise do corpus, deu-se prioridade ao novo governo com oito textos relativos a esse período. Foram selecionados dois textos da fase pré-impeachment.

Na fundamentação teórica sobre adjetivos, foram consultadas as quatro gramáticas tradicionais brasileiras de maior projeção no século XX: *Gramática Secundária da língua portuguesa* (1969), de Said Ali; *Gramática normativa da Língua Portuguesa* (1976), de Rocha Lima; *Nova gramática do português contemporâneo* (1985), de Celso Cunha, com a participação de Lindley Cintra, na versão ampliada da *Gramática do português contemporâneo; Moderna gramática portuguesa* (1999), de Evanildo Bechara. A última é uma edição revista e ampliada da obra de 1961. Para este artigo, optamos por apresentar das gramáticas do início e do final do século XX as considerações sobre o adjetivo.

Said Ali (1969) define adjetivo como a palavra “que se junta ao substantivo para denotar qualidade, propriedade, condição ou estado do respectivo ser” (p. 50). Acrescenta que há outras palavras – pronomes adjetivos ou pronomes adjuntos e os quantitativos – que se juntam a substantivos não para denotarem qualidade etc., mas servem para delimitar ou individualizar os seres. Exemplifica com “jardim grande e bonito”, “dia quente”, “madeira resistente”.

Bechara (1999) amplia a caracterização do adjetivo ao explorar a ideia de delimitação. Exemplifica com: delimitadores explicadores: vasto oceano, as líquidas lágrimas; delimitadores especializadores: a vida inteira, o sol matutino, o dia no ocaso; delimitadores especificadores (especificação distintiva): castelo medieval, menino louro, o médico de família.

Pode-se perceber que a conceituação do adjetivo e as considerações sobre seu emprego tiveram um percurso evolutivo nas gramáticas tradicionais. A ampliação foi maior ainda nas gramáticas de forte embasamento linguístico por conta, certamente, da própria evolução dos estudos linguísticos. Optamos aqui por trabalhar com duas gramáticas de autores portugueses e duas de autores brasileiros: *Gramática da língua portuguesa* (2003; a 1ª edição é de 1983),

de M. H. Mira Mateus et alii; Gramática do Português(2013), de Eduardo B. Raposo et alii; Gramática de usos do português(2000), de M. H. Moura Neves; Gramática Hoauiss da língua portuguesa(2008), de J. C. de Azeredo. A tipologia do adjetivo, a seguir, foi formulada a partir do que elas apresentam.

2. TIPOLOGIA DO ADJETIVO

Azeredo	Moura Neves	Mira Mateus et al	Raposo et al
- classificadores (ou de relação) - qualificadores	- classificadores - qualificadores . de modalização 1. epistêmico 2. deôntico . de avaliação 1. intencional a. eufórico b. disfórico c. neutro	- modificadores ou qualificativos - relacionais - modificadores do significado ou intensão dos nomes - negativos e conjecturais - modais - temporais-aspectuais	- denotativos . qualificativos . relacionais - avaliativos - modais - intensionais

Tabela 1 - Tipologia do adjetivo em gramáticas atuais

José Carlos Azeredo

- adjetivos de relação ou classificadores: expressam conteúdos de existência objetiva.

Ex.: peixe fluvial, energia solar

- adjetivos qualificadores: expressam noções, referencialmente variáveis ou decorrentes de opinião.

Ex.: roupas escandalosas, bancos confortáveis

Maria Helena Moura Neves

- classificadores

- qualificadores

. de modalização

1. epistêmico

Ex.: *É óbvio que...; É evidente que...*

2. deôntico

Ex.: *É necessário que...; É obrigatório ter...*

. de avaliação

1. intencional

a. eufórico

Ex.: *Estava tudo limpo.*

b. disfórico

Ex.: *O brasileiro pode ser pobre, feio e doente.*

c. neutro

Ex.: *A verdade é a nossa vida poderia ter sido muito diferente*

Maria Helena Mira Mateus *et alii*

- modificadores ou qualificativos

Ex.: *menino lindo; casa grande; vestido vermelho*

- relacionais

Ex.: de Agente (*a revolta estudantil, a destruição romana da cidade*); de Experienciador (*preocupação popular*); de Tema (*crítica musical*); de Possuidor (*trânsito urbano*)

- modificadores do significado ou intensão dos nomes

Ex.: *a principal revolta; um mero incidente*

- negativos e conjecturais

Ex.: *o presumível ladrão*

- modais

Ex.: *uma provável derrota dos independentistas*

- temporais-aspectuais

Ex.: *a frequente violação dos direitos humanos*

Eduardo Buzaglo Paiva Raposo *et alii*

- denotativos

. qualificativos

Ex.: *vermelho, comprido, inteligente e fútil*

. relacionais

Ex.: *presidencial, solar e europeu*

- avaliativos

Ex.: *uma gravata fantástica*

- modais

Ex.: *é possível que o exame seja adiado*

- intensionais

Ex.: *um falso advogado*

3. COLOCAÇÃO DO ADJETIVO (JEAN COHEN)

Para a análise do *corpus*, também exploramos a colocação do adjetivo em relação ao substantivo. Recorremos ao estudo de Cohen por entendermos que suas considerações sobre a língua francesa são aplicáveis à língua portuguesa. Em ambas, predomina a posposição do adjetivo, o que nos permite explorar os valores semântico, discursivo e estilístico da anteposição. Diferentemente da língua inglesa, em que a anteposição é marca da estrutura sintagmática nominal,

a flutuação do adjetivo nas línguas francesa e portuguesa tem merecido diversas abordagens com propósitos de natureza estilística ou semântico-discursiva.

Para Cohen, a colocação do epíteto é uma das questões mais pormenorizadas e debatidas da gramática francesa. Ele distingue quatro casos principais:

1. Os adjetivos normalmente pospostos (adjetivo de relação, de cor etc.). Diz-se “as eleições municipais” e não “as municipais eleições”; “o cachorro preto” e não “o preto cachorro”;
2. Os adjetivos normalmente antepostos, pouco numerosos, dos quais se pode dar a lista limitativa, tais como *belo, grande, velho, longo*, etc. Diz-se “um belo quadro”, e não “um quadro belo”;
3. Os adjetivos que podem ocupar as duas posições, mas com um só valor: “Um terrível acidente. Um acidente terrível”;
4. Ou com dois valores: “Um livro grande. Um grande livro”.

4. ANÁLISE DO CORPUS MUDIÁTICO

4.1. PERÍODO ANTERIOR AO IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEF

a) Fiquemos no Brasil. Houve alguns, raros, momentos a justificar esperança. A eleição de Getúlio em 50. No final dos anos 50 e começo dos 60. A eleição de Lula. Sempre damos para trás, de sorte a recompor a situação que parecia **superada**. É por isso que somente a conciliação das elites, **vetusto** instrumento dos **autênticos** donos do poder, manterá Dilma na Presidência, sem detrimento das pressões **destinadas** a cercá-la e a acuá-la até o fim do segundo mandato. Não é **descartável**, em todo caso, a probabilidade de turbulências de intensidade **variável** em meio à **monumental** crise de duração **prevista** (talvez pelos otimistas) em dois anos. A incógnita diz respeito à situação **social precipitada** pelo aperto **econômico** que devolve à miséria aqueles que haviam saído dela durante o governo Lula. (Mino Carta, Carta Capital, 2 de setembro de 2015)

O texto apresenta doze adjetivos: sete pospostos e cinco antepostos.

Destacam-se as construções “vetusto instrumento dos autênticos donos do poder”, “em meio à monumental crise” e “alguns, raros, momentos para justificar a esperança”. A última combina anteposição do adjetivo “raros” com uma pontuação expressiva, inusitada para tal adjetivo em sintagmas nominais, quer anteposto, quer posposto ao substantivo. No contexto, o adjetivo valor tem positivo, eufórico, para destacar bons momentos políticos, de Getúlio a Lula, no que respeita à esperança de privilegiar o povo nas questões políticas.

Na primeira, além da anteposição com valor enfático dos adjetivos, ganha destaque a relação estabelecida entre o emprego de um adjetivo (vetusto) com traços eruditos e outro menos formal (autênticos), o que possibilita atribuir, em uma perspectiva semântico-discursiva, caráter irônico aos dois sintagmas nominais.

b) Dilma Roussef e Michel Temer nunca foram muito **próximos**. Durante boa parte do primeiro mandato, o grau de consideração da presidente por seu vice podia ser medido pela importância das tarefas que lhe eram **delegadas** no dia a dia do governo. O vice sempre pairou em Brasília como figura **decorativa**, **encarregado** basicamente das agendas **internacionais** que a presidente não se dispunha a cumprir. com a popularidade **alta**, a economia **cambaleante** mas ainda de pé e sem as revelações demolidoras da Operação Lava-Jato, manter Temer à margem das decisões importantes, mesmo ele carregando a faixa de representante do **maior** partido do Congresso, o PMDB, nunca chegou a gerar **maiores** abalos para Dilma. As dificuldades **econômicas**, as revelações da roubalheira no petrolão e **meteórica** queda de popularidade construíram um cenário **ideal** para uma crise **sem precedentes**. (Robson Bonin, Veja, 2 de setembro de 2015)

O texto apresenta quinze adjetivos: doze pospostos e três antepostos.

- **maior** partido do Congresso, o PMDB;
- **maiores** abalos para Dilma;
- **meteórica** queda de popularidade.

Percebe-se, na anteposição, tanto o emprego de adjetivos classificadores (*maior partido*) como de qualificadores (*meteórica queda*). Observe-se, na posposição, o caráter disfórico dos adjetivos em: “*figura decorativa*”; “*economia cambaleante*”; “*revelações demolidoras*”. Cabe registrar que a expressão “*figura decorativa*” utilizada em referência ao Vice-Presidente Michel Temer é retomada, três meses depois, por ele para, em carta à Presidente Dilma, queixar-se de que vinha sendo tratado como “*figura decorativa*”.

Não só no emprego dos adjetivos antepostos, mas também no uso de adjetivos pospostos, a revista *Veja* critica, veementemente, o governo Dilma. A grande presença de adjetivos com valor disfórico comprova a intencionalidade discursiva na elaboração dos textos.

A comparação com seleção dos adjetivos nos textos da revista *Carta Capital*, de valor eufórico nas considerações sobre o governo federal, atesta que não há neutralidade nas escolhas lexicais.

A respeito de “maior partido do Congresso...” e “maiores abalos para Dilma”, cabe ressaltar a observação encontrada no capítulo “O Adjetivo”, escrito por Esmeralda V. Negrão *et alli* (2014, p.254) em “Palavras de classe aberta”. As autoras afirmam no estudo dos “comparativos” irregulares, “que as formas *melhor, pior, maior e menor*, que a tradição gramatical tem descrito como comparativos irregulares dos adjetivos *bom, mau, grande, pequeno*, expressam o **grau comparativo** em posposição ao nome e o **grau superlativo relativo** em anteposição ao nome”. Exemplificam com: *botar num colégio menor; sendo Recife a maior cidade do Nordeste*.

4.2. PERÍODO POSTERIOR AO IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEF

a) As apostas de Temer



p. 44, 04/05/2016

No texto “As apostas de Temer”, encontram-se dois adjetivos classificadores (*queijo branco*; *maratona diária*), conforme a tipologia, e dois qualificadores antepostos (*antigos aliados*; *novos amigos*), com maior possibilidade de alteração semântica no segundo exemplo. Há, no texto, velado apoio a Temer.

b) Surfista do golpe



Vários organismos internacionais manifestaram-se, sobretudo aqueles de alcance regional. Há um temor generalizado de que o *impeachment* de Dilma sem a prova de um crime praticado por ela possa virar um (mau) exemplo mundo afora e deixar presidentes expostos ao sabor das conveniências parlamentares e dos ibopes momentâneos. Na antevéspera da aprovação do processo na Câmara, o secretário-geral da Organização dos Estados Americanos, o uruguaio Luis Almagro, foi a Brasília solidarizar-se com Dilma. Na saída, afirmou que a OEA não vê motivos jurídicos, éticos e políticos para a deposição. “Aqui temos alguém que não

p. 14, 04/05/2016

No texto “Surfista do golpe”, há forte crítica a Temer (comparem-se os títulos das duas revistas: as apostas de Temer/Surfistas do golpe) com 8 adjetivos pospostos e apenas 1 anteposto (*mau*). Dentre os pospostos, merecem destaques os presentes nos sintagmas nominais em sequência: *presidentes expostos*, *conveniências parlamentares* e *ibopes momentâneos*. A crítica ao surfista Temer acentua-se na passagem com 3 adjetivos coordenados, construção rara no *corpus*: ... a OEA não vê motivos *jurídicos, éticos e políticos* para a deposição.

c) A cruzada de Dallagnol



Um Lula emocionado, mas equilibrado, ergueu por volta de 1h20 da quinta-feira 15 um dos microfones instalados em um auditório do hotel Jaraguá, no Centro de São Paulo. Na sala apinhavam-se militantes do Partido dos Trabalhadores, integrantes do conselho político da legenda, advogados e jornalistas. Do lado de fora, uma

p. 16, 21/09/2016

Só os mais fanáticos antilulistas não se constrangeram diante da exposição recheada de retórica e suposições e carente de provas dos representantes do Ministério Público liderados por Deltan Dallagnol.

p. 16

pinocracia”). Detalhe: apesar das palavras fortes, o petista não foi denunciado por formação de quadrilha, um dos tantos contrassensos do espetáculo curitibano. Para azar de Dallagnol, as afirma-

p. 18

gem a centenas de memes. E, embora ele e seus colegas não tenham pronunciado exatamente essa frase, em mais de uma ocasião deram a entender que a hipótese a respeito do papel central de Lula no esquema de corrupção não tinha origem em fatos irrefutáveis, mas na convicção pessoal dos integrantes da força-tarefa. tério Público.” Mirian Gonçalves, advogada e vice-prefeita de Curitiba, concordou: “O Dallagnol não explicitou sua posição jurídica, mas uma interpretação política. É um prejulgamento barato”.

Carta Capital, p. 18, 21/09/2016

Nos dois últimos textos do *corpus* pós-impeachment, a revista Carta Capital faz críticas contundentes aos representantes do Ministério Público, liderado por Deltan Dallagnol, no tratamento dado ao ex-presidente Lula. Já a partir da montagem da capa, na combinação de signos verbais e não verbais (ver capa), percebe-se o tom indignado da revista, o que se corrobora na seleção dos adjetivos: positiva para Lula, *emocionado, mas equilibrado*; negativa para os procuradores e sua apresentação midiática, *carente de prova/espetáculo curitibano, convicção pessoal*. A revista destaca a fala de Miriam Gonçalves (advogada e vice-prefeita de Curitiba): “O Dallagnol não explicitou sua posição jurídica, mas uma interpretação política. É um prejulgamento barato.”

d) Prenda-me se for capaz



p. 43, 21/09/2016

No pedaço substantivo da denúncia, os investigadores acusam o ex-presidente de receber vantagens indevidas de ao menos três contratos bilionários assinados entre a construtora OAS e a Petrobras. As propinas geradas por esses negócios somaram 87,6 milhões de reais. Desse to-

p. 44

As vantagens indevidas embolsadas por Lula extrapolam 3,7 milhões de reais, segundo estimativas dos investigadores. Entre 2011 e 2014, o Instituto Lula e a L.I.L.S.

p. 45

Com um propinoduto instalado em diversas estatais, a denúncia também detalha o método de funcionamento. Apenas na Petrobras, o prejuízo foi de 42 bilhões de reais. Para os procuradores, a capilaridade dessa estrutura criminosa criou as bases para o que eles definiram como "propinocracia". Lula não apenas saberia de tudo, mas seria o comandante do esquema, além de seu principal beneficiário. Entre as provas que confirmam o papel de des-

p. 45

e) Honestidade seletiva



VEJA, p. 48, 21/09/2016

A revista *Veja* procura desconstruir a imagem de Lula (ver capa com imagem do rosto se desfazendo, mais a sequência “Prenda-me se for capaz” [intertextualidade com o filme]). Destaca-se, no campo linguístico-discursivo, o emprego do termo “substantivo” em “no pedaço substantivo da denúncia”. O texto utiliza, a seguir, vários adjetivos em sintagmas nominais com conteúdo destrutivo para Lula: *propinas geradas por esses negócios, vantagens indevidas embolsadas por Lula, estrutura criminosa, principal beneficiário*.

Na continuação da matéria, *Veja* também ataca Dilma Rousseff, com nova intertextualidade (O nome da rosa), e adjetivos com carga negativa: *dinheiro desviado, honestidade seletiva* (com valor irônico) e *notório* empreiteiro (Leo Pinheiro, que envolveu Dilma na delação premiada).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se buscamos, sobretudo, interagir, valemo-nos, prioritariamente, de textos argumentativos para a consecução dos nossos objetivos. Em última instância, o ser humano – por ser gregário

– quer quase sempre agir sobre o outro; tenta convencê-lo ou intenta persuadi-lo. Entendemos que só uma visão dialética permite ao analista da linguagem superar preconceitos e distorções presentes no maniqueísmo midiático. Cabe, então, destacar tanto seus aspectos negativos como os positivos, estes pouco observados nos vários trabalhos a respeito do tema. Já a partir da sua etimologia – do latim *medium/media*, o meio/os meios – pode-se constatar que ela intermedeia. E a mídia intermedeia o quê? O que se interpõe na relação entre o fato ocorrido, origem da notícia, e o processamento dela pelos destinatários. Se, em si, a linguagem não é cópia da realidade, menos ainda será, na mídia, expressão fiel dos fatos ocorridos no mundo. As construções linguístico-discursivas sempre estarão permeadas pelas escolhas lexicais, morfossintáticas e semântico-estilísticas dos produtores do texto. Sabemos que nenhuma escolha é gratuita: não há, *et pour cause*, neutralidade no uso da linguagem.

VALENTE, ANDRÉ CRIM; ARGUMENTATIVIDADE NO JORNALISMO POLÍTICO BRASILEIRO:
ASPECTOS LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS DO ADJETIVO NAS NOTÍCIAS SOBRE O GOVERNO ATUAL
REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 6, ANO 2017, PP. 235-253

REFERÊNCIAS

- Azeredo, J.C. (2008). *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha.
- Bechara, E. (1999). *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- Negrao, E.V. et alli. (2014). O adjetivo. IN: ILARI, Rodolfo (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: volume III: palavras de classe aberta*. São Paulo: Contexto, 2014.
- Cohen, J. (1978). *Estrutura da linguagem poética*. São Paulo: Cultrix.
- Cunha, C. & Cintra, L.F. (1985). *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Lima, R. (1976). *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Mateus, M.H.M. et alli. (2003). *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Neves, M.H.M. (2000). *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP.
- Raposo, E.B.P. et alli. (2013). *Gramática do português. Vol. I & II*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Said Ali, M. (1969). *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos.

OUTRAS REFERÊNCIAS

- CARTA CAPITAL. São Paulo, ano XXII,n.891, 04 mai. 2016
- CARTA CAPITAL. São Paulo, ano XXII, n.909, 21 set. 2016
- VEJA. São Paulo, edição 2476, ano 49, n.18, 04 mai. 2016
- VEJA.. São Paulo, edição 2496, ano 49, n.34, 21 set. 2016

